

HOMOSSEXUALIDADES EM MÍDIAS DIGITAIS: INTERSEÇÕES ENTRE *GENDER* E *GENRE*

Daniel Mazzaro – letrasdaniel@yahoo.com.br

Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais, Brasil; <http://orcid.org/0000-0002-0330-4347>

Venan Alencar – venanalencar@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; Bolsista do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior CAPES (88881.187829/2018-01); <https://orcid.org/0000-0001-7662-4512>

RESUMO: O estudo de mídias digitais enquanto espaços para a socialização de desejos dissidentes tem-nos servido como importante instrumento para compreendermos modos de operação das subjetividades gays em ambientes virtuais, sobretudo quando essas subjetividades se encontram textualizadas. A formulação de sentidos para questões de gênero, quando se trata de homens gays, perpassa outros meandros e requer análises de como as masculinidades e as feminilidades, por exemplo, têm sido tratadas por esses sujeitos de fala. Portanto, objetivamos, neste trabalho, realizar uma breve discussão teórica sobre normatividades, gêneros (tanto sociais como discursivos) e performatividades em aplicativos e *sites* de encontros gays, valendo-nos de exemplos retirados do *ManHunt*, *Grindr* e *Hornet*. Essa discussão estará embasada em nossas pesquisas prévias (ALMEIDA, 2016 e ALENCAR, 2017), assim como em aportes teóricos de estudiosos de gênero e sexualidade, como Halperin (2012) e, Butler (1990,1993), e também de Charaudeau (1996, 2004, 2010) no que diz respeito à análise do discurso. Dessa forma, poderemos entender como as noções de norma, heteronormatividade, gênero e cultura podem estar articuladas nas falas de nossos sujeitos-objeto e a relação que travam com a cultura hegemônica em um contexto marcado pelas situações de comunicação do gênero discursivo em que se performatizam. Além disso, buscamos reunir algumas reflexões sobre as representações gays em uma perspectiva histórica, passando da era pré-Stonewall até a contemporaneidade. Por fim, será possível traçar alguns pontos talvez ainda poucos discutidos e, ainda, promover e incentivar uma reflexão sobre as relações entre os gêneros discursivos e os gêneros sociais.

PALAVRAS-CHAVE: homossexualidades; mídias digitais; gêneros sociais; gêneros discursivos.

1 INTRODUÇÃO

As discussões de gênero, sendo tomadas em diversas áreas, tendem a focar em diferentes nuances que esse tema tão rico e tão amplo pode nos oferecer. Neste estudo, estaremos preocupados em discorrer sobre as normatividades de gênero, sobretudo quando se trata de homens gays. Ainda, como essas normatividades se manifestam em ambientes virtuais, mais especificamente em aplicativos e em sites de encontros gays. Em estudos anteriores¹, constatamos que as exigências da cultura hegemônica e heterossexista estão fortemente presentes nas discursividades de nossos sujeitos-objeto, ou seja, homens gays que lançam mão dessas tecnologias da informação e comunicação para fins de encontro ou sexo. Cabe agora discutir como as questões de gênero podem nos ajudar a entender tais exigências, o modo como essas representações estão

¹ Aqui nos referimos à tese de Almeida (2016) e à dissertação de Alencar (2017). Vide referências.

relacionadas a uma história de movimentos sociais como o de Stonewall e as formas pelas quais os gêneros textuais, midiáticos e das artes, no geral, podem ter influenciado a percepção e a manifestação de subjetividades na cultura gay masculina.

Partimos das concepções de Halperin (2012) sobre a cultura gay masculina e sobre gêneros (*gender* e *genre*²). Buscaremos relacionar esses conceitos com o que vimos em Almeida (2016) e Alencar (2017), lançando um novo olhar sobre discussões anteriores. Primeiramente, reconhecemos o papel da linguagem como fundamental para se fixarem identidades, diferenças, preconceitos e conjuntos de práticas sociais, por exemplo (LOURO, 2010). Mas também não podemos negar que é por meio dela que se desconstroem esses mesmos processos fixadores, limitadores, engessadores dos quais tentamos muitas vezes fugir. E é nosso trabalho enquanto pesquisadores e pesquisadoras realizar essa difícil tarefa de contestar uma ordem social indestrutível, baseada na heteronormatividade, mas negociável e passível de se tornar mais vivível por todos aqueles que nela não se reconhecem.

Portanto, este artigo está organizado da seguinte forma: de início, traçamos algumas considerações sobre as mudanças nas representações de homens gays antes e depois da revolta de Stonewall e como isso alterou a maneira como lidavam e lidam com gêneros. Em seguida, discutimos as diferenças entre *gender* e *genre*, e como a articulação de um com o outro foi e é significativa para o entendimento da cultura gay masculina. Por fim, analisamos como os usuários de sites e aplicativos de encontros gays textualizam (e teatralizam) suas subjetividades e quais as possíveis implicações para as problemáticas de gênero e sexualidade, principalmente para a atual (sub)cultura gay.

2 DO PRÉ-STONEWALL À CONTEMPORANEIDADE

O entendimento sobre certas práticas culturais pode nos fazer remontar a determinados pontos tidos como relevantes na História. Nesse caso, remontamos a momentos que fizeram a cultura gay masculina tomar suas primeiras formas na modernidade. O olhar sobre fenômenos sociais *queer*, ou seja, movimentos que de alguma forma buscam a contestação de normas, nos importa muito, assim como os objetos culturais ligados a tais momentos históricos, objetos sobre os quais estavam sendo investidos maiores graus de atenção.

Começamos pela revolta de Stonewall em si. Talvez muitos de nós não tenhamos vivido na mesma época em que ela ocorreu, mas podemos entender que ela pode ter sido um marco

² Em inglês, *gender* está relacionado ao que entendemos como gênero social; enquanto *genre* seria gênero textual, artístico, cinematográfico, entre outros, no sentido de uma tipologia dada a uma manifestação cultural. Mais detalhes se encontram na seção *Gender, Genre & Performance* deste artigo.

importante quando se trata da representação de subjetividades do gênero masculino, principalmente na cultura gay, de modo que haveria uma divisão de eras: pré e pós-Stonewall. *Grosso modo*, as práticas culturais que antecederam a Revolta apresentariam uma certa uniformidade. Em um contexto estadunidense, os musicais da Broadway estiveram frequentemente ligados à cultura gay, assim como o teatro, a dramatização, a ópera, as performances, de forma geral. Crianças nascidas nesse período compartilhariam, para Halperin (2012), uma “infância gay pré-Stonewall” (HALPERIN, 2012, p. 92). Para o autor, essas crianças estariam tão fortemente arraigadas nas referências culturais de tais musicais que, de forma quase inevitável, passariam a reconhecer majoritariamente traços deles em suas subjetividades. Em outras palavras, haveria um processo de certa identificação com o que era encenado em tais manifestações culturais, como a solidão, o isolamento, a falta de esperança, sentimentos majoritariamente encenados por mulheres e que alguns homens gays possivelmente experimentam em períodos que antecedem o *coming out* (“saída do armário”). Esse período é, inclusive, anterior até ao de um reconhecimento de quais serão os direcionamentos futuros das sexualidades daquelas crianças (HALPERIN, 2012). Mas, independente da existência de uma carga sexualmente orientada, trata-se de uma fase que, posteriormente, na vida adulta, trará implicações sobre os modos como homens gays, mesmo já assumidos, normativamente podem ou devem manifestar suas subjetividades.

Se na era pré-Stonewall a referência aos sentimentalismos exacerbados era de praxe e, em termos, aceitável, sobretudo por serem algumas emoções repetidamente performatizadas em práticas culturais diversas, os tempos que sucedem tal período trazem consigo outras formas de se verem os mesmos fenômenos de outrora. Para Halperin (2012), hoje não há mais espaço para lamentações, para o isolamento – clamamos por uma identidade coletiva, “de forma aberta, visível, sem vergonhas e de forma comunal, construindo nesta base uma cultura e uma sociedade compartilhadas” (HALPERIN, 2012, p. 94). Em outras palavras, tais formas de se representar parecem não mais condizer com as atuais demandas da cultura gay e, por isso, não tendem a ser bem vistas. Seja nos musicais ou nos filmes, a expressão de emoções, seja pela música, seja pela atuação, ou pela combinação de ambos, reafirmam um estereótipo de longa data – o de que esses homens gays que participam ou se veem representados em musicais da Broadway, por exemplo, estariam fadados à solidão.

Ora, então quais seriam essas atuais demandas da cultura gay? Para Halperin (2012), seria justamente o compartilhamento de uma identidade coletiva gay, proclamada abertamente, sem vergonhas, totalmente o contrário das formas pelas quais foram sendo representadas as feminilidades em musicais, por exemplo. Portanto, solidão e isolamento vão de encontro à demanda por uma coletividade, um sentimento de partilha, de uma luta, talvez, por um

reconhecimento mais geral, e falhar em atingir tais “metas” pode ser visto como o resultado de uma falha em superar essa era antiga e, portanto, uma demonstração de fraqueza em saber lidar com os próprios sentimentos de maneira forte e autônoma. Afinal, em uma cultura que sobrevaloriza as masculinidades, essa não superação de sentimentos representaria uma “fraqueza” característica das feminilidades, pelo menos no que concerne aos modos como tais aspectos foram representados repetidamente em diferentes práticas culturais (o que não quer dizer que estejamos de acordo com elas).

Se hoje já não falamos tanto sobre ou não usamos tanto o termo *identidade*, guardadas as implicações teóricas, não é por acaso. Queremos escapar às ideias de fixação, de rigidez; preferimos as fluidez e as incertezas, a incorporação de nossas práticas a velhas formas de subjetividades ou, ainda, a não definição a qualquer custo, uma dissolução na normalidade. Mesmo nossa participação em formas culturais não-gays pode ser, para alguns, viável, pois ela “te isenta da necessidade de ter qualquer identidade” (HALPERIN, 2012, p. 113). Além disso, a força da identidade normalizada é tamanha que ela nem é vista como *uma* identidade em si, pois só existe *aquela* identidade (SILVA, 2000). “Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade” (SILVA, 2000, p. 84). De fato, estamos quase arraigados na fixação, no simplismo de uma identidade, mas assim como a linguagem, esse conceito não dará conta de tudo, de representar tudo, de abarcar a multiplicidade de formas de se viver e, até lá, continuaremos buscando termos que completem (ou que nos deem a fugaz sensação de completar) nossas formas essencialmente faltosas de se viver.

3 GENDER, GENRE & PERFORMATIVIDADE

As noções de gênero, como as conhecemos, têm sofrido processos de reelaborações contínuas. Do mesmo modo, os gêneros discursivos produzidos ou encenados e que acompanham tais gêneros sociais carregam algumas características de quem o fez. Além disso, os novos usos da linguagem que fazemos dentro de nossas práticas sociais não estão esvaziados de sentido – carregam consigo uma gama de implicações que nunca se esgotam. Desse modo, “Não basta introduzir palavras novas [...] e começar a reificar seus significados [...]. É preciso também prestar atenção à multiplicidade de usos possíveis, de contextos possíveis, as asas com que cada palavra pode voar” (NELSON, 2017, p. 12). Não por acaso, estamos buscando nessas multiplicidades modos menos constrangidos de nos fazermos, de nos reinventarmos.

Se pensarmos que, durante a história, o discurso da ausência foi empregado como algo feminino, como vemos em Barthes (1977), caberia dizer que esse mesmo discurso não é bem visto quando deslocado às masculinidades. Ou desvio de gênero, ou melhor dizendo, neste caso, o desvio do gênero acoplado ao gênero discursivo pode causar na instância de recepção, no mínimo, um estranhamento.

É a Mulher que dá forma à ausência, e dela elabora a ficção [...]. Segue portanto que, em cada homem que fala da ausência do outro, o *feminino* se declara: esse homem que espera e sofre pela espera é milagrosamente feminizado. Um homem não é feminizado porque é um invertido, mas porque é amoroso. (BARTHES, 1977, p. 20)³

Considerando o trecho acima, podemos ver que existiriam, assim, algumas características do *genre* que lhe seriam únicas, tidas como “naturalmente” suas - no caso, o ato de falar, de recorrer a um *genre* para expressar a ausência, é uma característica feminina. A ficção, nesse contexto, é do *gender* “feminino”, pois ela é elaborada e inventiva. Além disso, a espera descrita por Barthes também nos remete a uma passividade social, ou seja, uma falta de atitude frente a situações em que se poderia, de alguma forma, agir, como a ausência do outro. Mas sabemos que esse tipo de agência foi/é histórico e culturalmente proibido às mulheres. Assim, percebemos que, por mais que, em algumas situações, não haja referências diretas a uma mulher, as características ligadas a esse *gender* são difusas e variáveis, como traz Dyer (2002), e merecem maior atenção, sobretudo quando lidamos com dissidências e desvios.

Inclusive, a tradução de *gender* é bastante diversa, aparecendo como "gênero, sexo, sexo social, sexista, gênero sexual, sexo-especificidade, categoria social de sexo", conforme explica Peeters (2015, p. 22). Essa diversidade impede, por essa razão, uma identificação clara e imediata de seu conteúdo semântico. A autora que ainda diz que "o vocábulo francês 'sexo' tem uma acepção mais ampla do que *sex* em inglês (que se refere apenas às diferenças biológicas) e engloba aquilo que diz respeito ao *gender*: a dimensão social ou cultural da feminilidade e masculinidade" (PEETERS, 2015, p. 22). Por outro lado, o termo *genre* veio do francês e está relacionado, como dito anteriormente, à ideia de categorias da literatura, da música e de outras formas de arte ou entretenimento. Então, o que podemos concluir é que o termo *gender* foi criado no mundo anglo-saxão exatamente para se distinguir a significação restritiva, biológica, do vocábulo "sexo" (*sex*).

³ Tradução nossa do francês para: “C’est la Femme qui donne forme à l’absence, en élabore la fiction, car elle en a le temps [...]. Il s’ensuit que dans tout homme qui parle l’absence de l’autre, *du féminin* se déclare : cet homme qui attend et qui en souffre, est miraculeusement féminisé. Un homme n’est pas féminisé parce qu’il est inverti, mais parce qu’il est amoureux.” (BARTHES, 1977, p. 20)

Parte dessa relação pode ser observada quando analisamos perfis de usuários tanto de aplicativos como de *sites* de encontros. Percebemos, por exemplo, que aqueles que se descrevem demais são tidos como enrolados, não imediatos, nada práticos. São tachados, de antemão, de afeminados, pois carecem de características das masculinidades hegemônicas (praticidade, imediatismo e fala direta, neste caso, em contraste com o que vimos em Barthes). Àqueles que se fazem perceber como faltosos, à espera ou demonstrando sofrimento causado por esta, está reservada também a temida efeminação. Vejamos um exemplo de um usuário do aplicativo *Hornet*:

Seja homem, isso já suficiente! Antes de solicitar fotos libere as suas⁴. Seja direto!
Só curto caras discretos, ok!⁵

Percebamos que, aqui, não há espaço para a ‘enrolação’. A ideia do ser homem (do *gender*) está aliada não só a atitudes, mas também a adoção de uma prática discursiva voltada à praticidade, à objetividade, e, não por acaso, estão diretamente relacionadas à discricção, um imperativo para quem se encontra em tais mídias digitais⁶. É uma forma de fugir das feminilidades, de reforçar determinadas práticas culturais que serão úteis no mascaramento, na negociação de visibilidades.

Algo parecido pode ser encontrado em perfis de *sites* de relacionamento, como neste do *ManHunt*:

Somente curtição. , Cansado, pois neste site, infelizmente não acontece nada.
Sou um cara gente boa, bacana, independente. Sou versátil/ativo, corpo legal, malhado, não sarado, boa pinta, safado...

O usuário do *site* procura apenas ‘curtição’, quer dizer, encontros sem aprofundamento afetivo e baseados, normalmente, no ato sexual. Além disso, sua insatisfação com o meio pelo qual ele se aproxima das pessoas também expressa uma imediatez e uma impaciência pela espera e pela ‘enrolação’. Afinal, tudo que ele acredita que é necessário para que aconteça o encontro está dado em seu texto: descrições do caráter, do corpo e das performances sexuais. O tempo urge!

Aliás, esses encontros rápidos, mediados por esses aplicativos e *sites*, encontram-se sob o termo *fast capitalism* (ILLOUZ, 2011), ou seja, caracterizados pela compactação do tempo, a fim de

⁴ Neste aplicativo, existe a possibilidade de se criar um álbum com fotos públicas e privadas. Para ter acesso às privadas, é necessário solicitar ao usuário em que se está interessado que as desbloqueie.

⁵ Mantemos os textos dos perfis tal como foram encontrados nos aplicativos e no *site* consultados.

⁶ Mídias digitais “são uma forma de se referir aos meios de comunicação contemporâneos baseados no uso de equipamentos eletrônicos conectados em rede, portanto referem-se – ao mesmo tempo – à conexão e ao seu suporte material” (MISKOLCI, 2011, p. 12). No caso deste trabalho, o termo engloba tanto os aplicativos como o *site* que consultamos.

umentar a eficiência econômica, e pela erosão das fronteiras e a negação do espaço e tempo provados. Com isso, percebe-se uma radicalização da demanda do “melhor produto” em termos econômicos (tempo e espaço) e também psicológico, pois se integram os encontros na lógica consumista de estreitar, definir e apurar cada vez mais as preferências, além de recrutar um consumismo “virtual” para melhorar a qualidade da transação que se dará, conforme explica Illouz (2011). Dos aplicativos disponíveis para tais fins, talvez o *Tinder* seja o mais ilustrativo: parece um catálogo de produtos em que o usuário passa as páginas e avalia se gosta ou não do produto exposto.

O que propomos para compreender o fenômeno do *gender* é a releitura do conceito de performatividade, reelaborado por Judith Butler em algumas de suas obras (como BUTLER, 1990; 1993; 1997a e 1997b), tomando como base as contribuições dos estudos da linguagem e da análise do discurso. Nesse contexto, compreendemos que a linguagem não apenas representa, mas também cria conexões entre o sujeito e o estado de coisas, bem como entre os sujeitos. Ou seja, falar sobre o *gender* é, também, e de certa forma, fazê-lo. Entretanto, não podemos ser simplistas: “falar sobre” apenas começa a produzir aquilo que enuncia, apenas trata de assegurar, através da linguagem, um futuro no qual essa ação será realizada ao mesmo tempo em que coloca o sujeito em uma posição subordinada. Trata-se, como observamos em Almeida (2016) e Alencar (2017), de um jogo de linguagem, em que se pode ganhar ou perder, e essas possibilidades estão na repetição não apenas das ações discursivas, mas também das ações físicas. Isso quer dizer que a constituição de um sujeito gendrado (relativo ao gênero, ao *gender*) é algo que não é fixo, pois está sempre se movendo, agindo de acordo com regras e normas a respeito tanto dos gêneros pré-determinados como dos atos languageiros relativos ao fenômeno da generificação humana, já que os gêneros são, nessa concepção, imaginários que atuamos. Esses imaginários são responsáveis pela construção da verdade dos sujeitos, verdade esta que se forja por meio da linguagem verbal e não verbal.

Nesse sentido, os perfis dos aplicativos e dos *sites* funcionam como lances em um jogo da compreensão dos gêneros: os usuários repetem signos levando em conta uma matriz de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, os gêneros e os desejos são naturalizados. Naturalizam-se performances discursivas e corporais do que é ser homem e ser homossexual de sucesso para a situação comunicativa, e isso quer dizer que é necessário sempre citar e repetir as regras e as normas supostamente verdadeiras e reais sobre ser homem e ser homossexual para ser compreendido e, mais que isso, alcançar um mínimo de sucesso nos aplicativos e nos *sites* de pegação.

Isso também se aplica ao *genre*. Segundo Charaudeau (2004), todo domínio de prática social tende a regular as trocas discursivas e, conseqüentemente, a instaurar suas regularidades. Isso quer

dizer que os *genres* são “ritualizações languageiras, as quais constituem uma das marcas (no sentido de marcar um território) do domínio” (CHARAUDEAU, 2004, p. 16). Esses domínios de prática se caracterizam por serem extensivos e englobantes, o que não permite uma marcação de regularidades discursivas; no lugar, Charaudeau (2004) fala de “visadas”, ou seja, de “intencionalidade[s] psico-sócio-discursiva[s] que determina[m] a expectativa do ato de linguagem do sujeito falante e, por conseguinte da própria troca languageira” (CHARAUDEAU, 2004, p. 23).

A relação entre *gender* e *genre*, nesse sentido, pode ser estabelecida no sentido em que nenhum dos dois instauram regularidades, mas sim visadas de gêneros. Não se “é” exatamente aquilo que se descreve nos perfis, ou melhor, o “eu” não está instituído naquela descrição, mas se intenta determinar as expectativas do lance no jogo da linguagem dos perfis para seduzir o interlocutor, como veremos alguns exemplos na próxima seção.

4 APLICATIVOS E SITES

A construção do quadro metodológico na análise do discurso, de acordo com Charaudeau (1996), deve partir do ponto de vista de que se trata de uma ciência empírico-dedutiva. Isso significa que o que manuseamos é a linguagem, um material empírico já configurado em certa substância semiológica. É a partir da relação com o tipo de objeto que estabelecemos os objetivos da análise.

Na perspectiva semiolinguística, teoria que seguimos em nossas pesquisas, os objetivos perpassam o levantamento das características dos comportamentos languageiros (isto é, “como dizer”) em função das condições psicológicas que as limitam segundo os tipos de situação de intercâmbio (ou seja, os contratos, ou melhor, as normas ou regras que regem qualquer tipo de interação). Nesse contexto, o estudo de características discursivas próprias de um determinado corpus testemunha ao mesmo tempo quais são as condições do contrato de comunicação – que podem reativar ou transgredi-las – e quais são as estratégias próprias (conscientes ou não) ao projeto de fala do sujeito comunicante.

Um dos passos da caracterização discursiva dos corpora de nossas pesquisas foi, portanto, a análise do modo de organização que integram esses textos de análise. Os modos de organização do discurso são agrupamentos que refletem dois eixos: a função de base, que corresponde à finalidade discursiva do projeto de fala do locutor, e o princípio de organização, que propõe simultaneamente uma organização do mundo referencial e uma organização da sua “encenação”. Assim, tendo em vista a posição do locutor com relação ao interlocutor, a si mesmo e aos outros, além das estratégias que este lança mão quando leva em conta o que percebe do seu interlocutor (incluindo o que imagina que é percebido e esperado dele, do saber que ambos têm em comum e

dos papéis que devem desempenhar), o discurso é organizado em função da própria identidade do locutor, da imagem que ele tem de seu interlocutor e do que já foi dito. Essas organizações podem ser divididas em quatro modos: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo.

Resumidamente, o modo enunciativo tenta dar conta da posição do locutor em relação ao interlocutor (relação de influência, alocutivo), em relação a seu ponto de vista (relação a si mesmo, elocutivo) e em relação a outros discursos (relação a um terceiro, delocutivo); o modo descritivo, por sua vez, identifica e qualifica seres de maneira objetiva ou subjetiva quando nomeia, localiza e qualifica; já o modo narrativo constrói a sucessão das ações de uma história no tempo com a finalidade de fazer um relato, o que leva a uma organização lógica preocupada com os actantes e os processos; e, por fim, o modo argumentativo expõe e prova casualidades em uma visada racionalizante para influenciar o interlocutor.

Tendo em vista essa classificação, podemos observar que, tanto nos perfis dos aplicativos como os dos sites, se destaca o modo de organização descritivo. Segundo Charaudeau (2010), este focaliza na ação do sujeito falante de “ver o mundo com um ‘olhar parado’ que faz existir os seres ao nomeá-los, localizá-los e atribuir-lhes qualidades que os singularizam” (CHARAUDEAU, 2010, p. 111) [destaque do autor]. Nos nossos *corpora* de pesquisa ele está claramente presente quando os usuários do site se qualificam e/ou qualificam o tipo de homem que buscam, como podemos ver no seguinte texto de um usuário do *ManHunt*:

coroa, másculo, cabelos brancos, discreto, másculo, para jovens até 40 anos. Curto sarro, sexo oral, beijos, amassos. Penetração no futuro após bem conhecer. Moro em Belo Horizonte e viajo sempre pelo interior do estado a trabalho.

Ele descreve seu corpo (coroa, másculo, cabelos brancos), sua “performance” e seus gostos afetivo-sexuais (discreto, curte sarro, sexo oral, beijos, amassos, penetração após bem conhecer) e sua localização geográfica (mora em Belo Horizonte, mas viaja pelo interior de Minas Gerais a trabalho) de modo a se identificar e passar a existir no site. Esse trabalho descritivo, entretanto, é limitado e, como propõe Charaudeau (2010), coagido pela finalidade da Situação de comunicação na qual se inscreve – no caso, buscar algum parceiro – e relativizado pela decisão do sujeito descritor – por exemplo, optar por se qualificar como “coroa” e não como “velho”. Afinal, tanto as finalidades da Situação de comunicação quanto a relativização das descrições estão relacionadas aos saberes culturalmente compartilhados.

Do mesmo modo, a Situação de comunicação nos aplicativos de encontros apresenta ainda uma característica peculiar. Devido à limitação de caracteres reservados à descrição de si – apenas 128 no *Hornet*, por exemplo – dispõe-se de pouco espaço para falar de si. Assim, vemos que há

tanto uma limitação da própria mídia digital, como do saber compartilhado referente à enrolação, pois, como já mencionamos, tal possibilidade é indesejável nas masculinidades. Ainda assim, nossa análise, considerando o modo de organização descritivo, oferece contribuições relevantes para o entendimento de como funcionam as normatividades nessa encenação⁷. Vejamos um exemplo do *Grindr*:

Procuro um cara macho, discreto e sério, que não esteja afim de enrolação e queira conhecer alguém legal. Não procuro sexo, nem pessoas afeminadas ou assumidas. Vlw!

Os ideais de uma masculinidade viril estão representados nas escolhas lexicais feitas pelo sujeito de linguagem (*macho, discreto, sério*), em contraposição aos de feminilidades (*enrolação, pessoas afeminadas, assumidas*) e, ainda nesse caso, a certa objetificação de si (*não procuro sexo*). As normatividades funcionam aqui tanto em um nível psicossocial, pela demanda de um tipo de homem ideal para o usuário, que está gendrado pelos saberes comuns sobre masculinidades, como situacional-espacial, pois levamos em conta os códigos semiológicos disponíveis para a troca linguageira e a situação de comunicação em si, que está ocorrendo em uma mídia digital dentro de um complexo processo de produção e interpretação de mensagens.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que observamos a partir do exposto nas seções deste texto é que as identidades são encenações sociais que os sujeitos realizam com a finalidade comunicacional do desejo de ser, no geral, compreendido pelo outro. Essa compreensão, no entanto, se mescla ao propósito comunicativo do gênero discursivo que a encenação usa de cenário, ou seja, no caso dos perfis, o propósito é de seduzir os interlocutores (e também afastá-los, se levarmos em conta a quantidade de negações presentes nos perfis⁸).

Esses lances no jogo da compreensão baseiam-se em normatividades do *gender*, que funcionam não como roteiro do conteúdo na hora da produção e da compreensão; e também se baseiam nas normatividades do *genre*, que servem como contextualização da encenação. Isso significa que qualquer performatividade é passível de ser classificada em masculina e feminina, por

⁷ “A encenação [mise-en-scène] a que se refere a teoria [semiollingüística] é a de que as características dos vários códigos semiológicos (verbal, gestual, icônico etc.) envolvidos na encenação dependem das expectativas da troca linguageira entre os parceiros em circunstâncias bem determinadas. Nesse sentido, o ato de linguagem não deve ser entendido como um ato de comunicação que resulta da produção de uma mensagem que um emissor envia a um receptor. Pelo contrário, deve-se entender esse ato como um encontro entre dois processos que fundamenta a atividade metalingüística de elucidação dos sujeitos da linguagem: o processo de produção e o de interpretação” (ALMEIDA, 2016, p. 163).

⁸ Sugerimos a leitura da seção 7.5 de Almeida (2016) para mais detalhes.

exemplo, além de ser atualizada aos propósitos comunicativos, graças ao cenário do ato de linguagem.

Isso, no entanto, torna a própria ideia de identidade como algo fixo e pré-estabelecida. Mas isso é uma ficção: a verdade, o real o natural que achamos que somos ou ao qual temos acesso são construções linguageiras repetidas. Ora a encenamos de uma forma e ora de outra porque nos baseamos nas normas do *gender* e do *genre*.

6 REFERÊNCIAS

ALENCAR, Venan L. O. **Aplicativos de encontros gays**: traços identitários de seus usuários em Belo Horizonte. 2017. 130f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2017.

ALMEIDA, Daniel Mazzaro Vilar de. **Performatividades gays**: um estudo nas perspectivas brasileira e argentina. 2016. 360 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2016.

BARTHES, Roland. **Fragments d'un discours amoureux**. Paris: Éditions de Seuil, 1977.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**: Feminism and the Subversion of Identity. New York: Routledge, 1990.

BUTLER, Judith. **Bodies That Matter**: On the Discursive Limits of 'Sex'. New York: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. **Excitable Speech**: A Politics of the Performative. New York: Routledge, 1997a.

BUTLER, Judith. **The Psychic Life of Power**: Theories in Subjection. Stanford: Stanford University Press, 1997b.

CHARAUDEAU, Patrick. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, Agostinho Dias (org.). **O Discurso da Mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996. p. 5-43.

CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato (orgs.) **Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 13-41.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: COntexto, 2010.

DYER, Richard. **The culture of queers**. Routledge: New York, 2002.

HALPERIN, David. M. **How to be gay**. Cambridge, Massachusetts: Belknap Press, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MISKOLCI, R. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Cronos**, Natal, v. 12, n. 2, p. 9-22, jul./dez. 2011.

NELSON, M. **Argonautas**. Trad. Rogério Bettoni. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

PEETERS, Marguerite A. **O gênero**: uma norma política e cultural mundial: ferramenta de discernimento. São Paulo: Paulus, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Title

Homosexualities in digital media: intersections between *gender* and *genre*.

Abstract

Studies on digital media as spaces where dissident desires are socialized have been conducted as important instruments in terms of understanding possible modes of gay male subjectivities in virtual environments, especially when such subjectivities are textualized. When it comes to gay men, which is the case, building a sense for gender issues involves some other intricacies, and it requires an analysis on how masculinities and femininities, for example, have been being approached by these speaking subjects. Therefore, we aim to discuss briefly about normativeness, gender (as well as genre), and performativities in gay dating apps and websites, taking *ManHunt*, *Grindr* and *Hornet* profiles as our samples. This paper is based on our previous research (ALMEIDA, 2016 and ALENCAR, 2017), also on theoretical contributions by gender and sexuality scholars, as Halperin (2012) and Butler (1990, 1992), along with Charaudeau (1996, 2004, 2000) with regard to Discourse Analysis. In this way, we should be able to understand how the ideas of normativity, heteronormativity, gender, and culture can be articulated in our analyzed-subject's speakings, and the relation they have with the hegemonic culture in a context marked by the communicational situations of the genre in which they perform. Besides, we aim to gather some reflections about gay male representations in a historic perspective, from the pre-Stonewall era to the contemporaneity. Finally, it will be possible to approach some aspects which have not been deeply discussed yet, and also to promote and encourage further observations on the relations between genre and gender.

Keywords

Homosexualities; digital media; gender; genre.

Recebido em: 02/11/2018.

Aceito em: 26/11/2018.